



Metamorfoses da voz: Bernardo Carvalho e Graciliano Ramos

Erick Bernardes*

“Maldito bicho
Se me ouviu
E não gostou do meu samba
Vai pra longe do Brasil”.

Estrofe do samba-enredo “Macobeba: o que dá pra rir, dá pra chorar”, da Escola de Samba Unidos da Tijuca.

São muitos os mitos tratados na literatura como seres metafóricos, alegóricos ou meras representações icônicas da anormalidade. Tais monstruosidades evidenciam o repúdio social ao que tradicionalmente se compreende como aberração. Porém, figuras disformes, discordantes do natural ou metamórficas evocam, na literatura do mundo ocidental, lados humanos mais obscurecidos.

Não é de agora que a presença histórica desses seres mitológicos faz parte do discurso ficcional. Ao falarmos da Antiguidade – com seus mitos e lendas greco-romanas (centauros, minotauros, figuras multiformes) ou da literatura portuguesa (Adamastor, Velho do Restelo, O Monstrengo) –, corremos o risco de cair nas formas já cansadas de comparação. Por isso, escolhemos duas obras de auto-

* Mestrando em Estudos Literários na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

res com estéticas distintas: o romance *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009), e a crônica “Macobeba pré-histórico”, de Graciliano Ramos (2012).

Inicialmente, nosso alvo será a representação da Quimera como figurativo do sentimento de anomia proporcionado pelo romance de Carvalho. Na sequência, a ênfase recairá sobre o mito brasileiro Macobeba, abordado por Ramos em discurso cronístico, pensando seu caráter (des)figurado, no esforço de mostrar um paralelo ambíguo entre a deformação humana e o horror que assola a sociedade, os quais se apresentam sob a sombra da impunidade da má administração pública.

Procuramos aqui pensar a presença das aberrações enquanto diferença estética e/ou fuga aos padrões calcificados das formas literárias europeias, mas também resistência aos dispositivos de controle que permeiam o discurso “dito” tradicional. Revelamos, assim, menos um quadro de mitopoética e mais o modo de atuação de escritores de uma cultura latino-americana periférica e, por isso, desprestigiada.

Quimera

O mito da Quimera faz parte da cultura popular europeia. Tradicionalmente, esse ser folclórico representa as mazelas humanas mais obscuras, pois, enquanto aberração, contém partes de vários animais reunidos em um só ser. Tantas diferenças conjugadas em um animal fazem da Quimera uma monstruosidade, destoante do natural. Assim, ao tomar a figura quimérica como chave alegórica, compreendemos que Bernardo Carvalho transgride o sentido mormente atribuído ao monstro. Seu posicionamento crítico, presente em *O filho da mãe*, permite ao leitor um novo olhar para o horrendo,

uma reconfiguração estética baseada na estratégia de composição textual que vise a uma literatura multiforme e perceba, no silêncio das minorias, um modo de significação.

Ressaltamos, no entanto, que não só o estranhamento estético nos chama a atenção no texto de Carvalho, mas também o olhar histórico e social. Desse modo, um dos três capítulos que compõem o livro *O filho da mãe*, nomeado “As quimeras”, posto assim no plural, evidencia a descentralização subjetiva da trama por meio dos diversos personagens em suas crises existenciais. Conforme pensamento de Felício Dias:

Carvalho propõe um texto híbrido que joga com os contextos históricos. A opção por um discurso politizado se mostra na tentativa de estabelecer espaços dialógicos que criam vozes plurais, a contestarem o passado e a história. Ainda que não haja saídas satisfatórias, a experimentação dessa interseção entre os discursos histórico e literário coloca em discussão a visão onisciente e subjetiva (2013, 64).

Se por um lado a visão subjetiva expressa o sentimento de anomia pelas desventuras de seus personagens – além de suscitar na diegese um olhar crítico acerca das intolerâncias religiosas, do retorno de radicalismos, do holocausto, como um espaço experimental de contestação –, por outro lado seu enredo traz à tona a inter e transdisciplinaridade com a história, a antropologia, a geografia, entre outros campos do conhecimento.

Nessa estrutura multiculturalista, *O filho da mãe* tem como pano de fundo a guerra na Chechênia, um lugar conturbado, historicamente conhecido por confrontos ideológicos, religiosos, étnicos,

entre outros impasses, em busca de sua independência como nação. Nesse sentido, Carvalho põe em xeque, através do contexto romanesco, a noção de nacionalidade, origem ou pertencimento original, por meio dos personagens Ruslan e Zainap, neto e avó respectivamente. Estes são refugiados em seu próprio país – um checheno é visto na Rússia não como russo propriamente dito, mas apenas “vivente” naquele lugar, um “não-original”, um marginal social, em sentido largo. Os “bunda-pretas”, conforme são alcunhados os chechenos habitantes do Cáucaso, seriam menosprezados devido ao fato de não carregarem nas veias o sangue da supremacia russa que compunha parte da ex-União Soviética.

Contudo, apesar do embasamento histórico de enredo memorialístico, seus personagens refletem crises existenciais por não reconhecerem a si mesmos como pertencentes àquele lugar no qual nasceram. Soma-se a isso a história de Andrei, um soldado do Exército Russo que se sente frustrado por causa da dificuldade em assumir a atração homossexual por Ruslan, configurando um confronto interno entre a conduta da criação familiar, as regras militares e a sexualidade reprimida. Daí a estratégia de alegorização empregada por Bernardo Carvalho em *O filho da mãe*, cujo jogo textual se descortina, a partir da figura mitológica quimérica, como recurso figurativo da condição de pária social na construção do drama vivido pelos personagens acima referidos.

Sendo assim, o sistema referencial do enredo, baseado na monstrosidade do ser metamórfico, pode ser resumido em uma arquitetura alegórica manifestante em três possíveis pontos de vista: a) o relacionamento homossexual entre Ruslan e Andrei, cujo ambiente de intolerância se revela inóspito ao vínculo afetivo dos dois; b) o fato de Ruslan ser meio checheno e meio russo destacaria

a mistura étnica, reforçando o caráter híbrido suscitado pelo recurso mitológico da quimera; c) a representação (ab)errante explorada a partir do hibridismo das formas da própria diegese, de uma história fragmentada, mas erigida sobre as ruínas do tempo, deixando de lado a linearidade discursiva em favor de um mosaico textual polissêmico que, como corpo do texto, se revela também discordante dos moldes aceitos pela tradição.

Assim, longe de compreendermos *O filho da mãe* como um romance de cunho majoritariamente sociológico, nossa interpretação baseia-se na simultaneidade da diferença da estrutura e do procedimento de fabulação da trama (Lima: 1993). Seguindo os rastros de personagens que vivem às margens da sociedade, entendemos que a narrativa não tem um centro diegético, visto que o cerne da trama problematiza situações de indivíduos periféricos, cujos deslocamentos ou movimentos evocam a noção de excentricidade. Daí a chave alegórica usada por Bernardo Carvalho para compor sua obra, valendo-se do subtítulo “As quimeras”, pois este recurso de produção textual, acerca do “fabuloso” hibridismo da figura de linguagem, assumiria conotações polissêmicas, ampliando o lastro significativo e corroborando sua proposta experimental.

Macobeba

Macobeba é um mito popular, um ser fantástico que caiu nas graças da população nordestina de modo curioso e providencial. Diz-se curioso porque Macobeba nasceu em meio jornalístico, diferentemente das figuras folclóricas existentes no imaginário do povo brasileiro, e providencial porque essa “lenda tupiniquim” é uma criação literária imaginada por Júlio Belo, a qual serviu a Graciliano Ramos como alegoria de composição cronística, articulada

aos elementos realísticos da política alagoana como um modo de atuação intelectual.

O “horroroso Macobeba” veio a público pela primeira vez em 1929, no jornal *A Província*, periódico em que Belo dava vazão à sua fantasia e munia o imaginário nordestino de um ser quimérico, alegórico, constituído por partes de diferentes animais. Em outras palavras, criou-se, via escritura, um monstro imaginário considerado parente próximo do Saci-pererê, do Curupira, do Caipora, do Nêgo-d’água, do Mapinguari, enfim, das figuras lendárias de nosso país, e só posteriormente integrou-se à tradição oral das cantigas populares, literaturas de cordel, teatros itinerantes e rodas de “contações” de histórias.

Aproveitando-se da chave alegórica que a figura mitológica possibilitou, Graciliano Ramos escreveu “Macobeba pré-histórico”, que compõe a recolha de textos *Garranchos* (2012), coligidas por Thiago Mio Salla. De acordo com o organizador do volume, “pode-se depreender que o político tratado como o monstro Macobeba seria, provavelmente, José Fernandes de Barros Lima” (2012, 102). Desse modo, Ramos fez da fábula quimérica um instrumento de denúncia e protesto contra a alienação intelectual, dando voz, embora indiretamente, ao povo oprimido nordestino: “ora, no meio dessa balbúrdia dos pecados surgiu um indivíduo animoso, resolvido a escangalhar tudo” (Ramos: 2012, 99). Sua ênfase na abominação do homem de poder, deformado pela ambição frente à pobreza alheia, teve como alvo de Lúcio Guedes – narrador criado por Graciliano Ramos – a política de Alagoas, no intuito de evidenciar o sentimento de anomia que a figura híbrida monstruosa poderia provocar nos leitores dos textos ficcionais em meio jornalístico. Dito de outro modo, o homem comum deformou-se pelas ambições ampliadas pelo poder, o “bom candidato”, depositário das esperanças de seu próprio povo,

diferenciou-se daqueles demais cidadãos que lhe eram caros, indivíduos honestos e trabalhadores, ainda que sofredores.

Como veio ele ao mundo? Se me não engano, gerou-o a necessidade que tinha a gente primitiva de um salvador. Havia então, como sempre houve, espíritos inquietos e descontentes que tencionavam em dismantelar a velha ordem, criar outra nova, pintar o diabo. E, como se sentissem fracos, laboriosamente imaginaram um super-homem com atributos característicos das divindades grosseiras daquela época (Ramos: 2012, 100).

A experiência do horror suscitado pelo ser quimérico Macobeba estaria ligada aos condicionamentos socioeconômicos e políticos da região onde se ambienta o texto. Pensada dessa forma, a compreensão anômata do monstro teria sua causa vinculada a um tipo de “torpor racional”, ou aquilo que João Adolfo Hansen nomeará “sono da razão”, tendo como consequência a transformação, isto é, a produção de “monstros, mas que devemos lembrar que a insônia dela também os produz”. O que caracterizará uma “experiência-limite” ou um “além-limite irracional” do torpor social (Hansen *apud* Bastos: 2010, 338).

Sendo assim, a menção ao sujeito monstruoso se dá por duas vias possivelmente anômatas da crônica de Graciliano Ramos, em que pese o sentido figurativo do personagem fabular Macobeba: a) a aberração poderá ser percebida como tentativa de conscientização de seus leitores que coincida com alguma resistência do povo aos desmandos políticos dos “coronéis” no Nordeste, pois, baseados no exercício do poder, por meio da violência física e moral, esses “seres

monstruosos” e autoritários (dos quais o senador era exemplo) se valiam de privilégios econômicos para manterem a dominação; b) a transformação de um cidadão comum (o próprio Macobeba) em opressor, aproveitador das desgraças alheias – fome, sede, analfabetismo – para aumentar sua riqueza, isto é, a metamorfose do homem medíocre em ser horroroso, sob um enquadramento textual satírico entrelaçado ao aspecto trágico de enfoque sociológico.

Houve talvez dois Macobebas. O primeiro, nascido numa idade heroica, tinha, como todos os heróis que se respeitavam, uma existência subjetiva; o segundo, atual, e bacharel [...], julgo que este foi pouco a pouco tomando o lugar daquele, até confundir-se com ele e, de longe, parecem formar os dois um todo indivisível. Tentemos separá-los (Ramos: 2012, 100).

Entendemos que o duplo sentido alegórico supracitado é um esforço intelectual contra a “razão adormecida”, cuja significação conduziria o olhar do leitor à leitura do horror como “produto de uma prática, de um fazer muito racionalmente inventados e aplicados para produzir dor e destruição” (Hansen *apud* Bastos: 2010, 338).

Compreender esse conjunto de elementos disponibilizados pela narrativa de “Macobeba pré-histórico”, ora trágicos, ora carnavalizados, permite que pensemos a configuração de uma prática da escrita de viés realístico, mas que paradoxalmente também se revela caricatural. Nesse sentido, ao extrair elementos do cotidiano alagoano, o escritor alagoano aponta para uma “sintomatologia manifestamente sociológica, anunciadora do que viria a configurar a [sua] estética”, ressaltando, “na trama,

reincidências temáticas [dores, angústias, injustiças] que justificaram o traço característico do estilo deste artista” engajado politicamente (Bernardes: 2015, 75).

Considerações finais

Tratamos neste artigo das figuras monstruosas representadas por Quimera e Macobeba como reconfigurações de linguagem nas composições literárias modernas. Assumimos o viés contemporâneo das formas mitológicas enquanto recursos de representação da diferença em relação àquilo que Antoine Compagnon chamou de “convenções que constituem o repertório [e que] são reorganizadas pelo texto” (2010, 150).

Buscamos a interseção entre *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho, e a crônica “Macobeba pré-histórico”, de Graciliano Ramos, para traçar uma intertextualidade que reconheça, na figura do monstro, um paralelo com o que Ana Cristina Chiara percorrerá como “a volta – em diferença – dos discursos do ‘eu’ à cena dos estudos literários, [sobre os quais] podemos revisitare livros lidos antes [...] na tentativa de revertê-los a um quadro de comércio comunicacional mais atento às inflexões” (2003, 21).

Por fim, entendemos que a obra literária tem flexibilidade para transitar entre o clássico e o moderno, o “modelar” e o impreciso, contestando suas próprias quimeras e fantasias (Lima: 1993). Ainda que reconheçamos, conforme Barthes, que “em cada signo dorme este monstro: um estereótipo” (2007, 56), quando o assunto é literatura, a cada leitura uma nova experiência se anuncia, potencialmente heterogênea, multiforme e provocadora.

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- BERNARDES, Erick da Silva. “Obra e manobra: estratégias discursivas no conto ‘O ladrão’ de Graciliano Ramos”. In: OLIVEIRA, Paulo César Silva de (org.). *Anais do V Seminário de Estudos Literários*. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2015.
- CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CHIARA, Ana Cristina. “Memórias extremas: Graciliano Ramos e Carolina de Jesus”. In: ROCHA, Fátima Cristina Dias (org.). *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- DIAS, Felício Laurindo. “O olhar histórico em *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho”. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 9, jun. 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B4Or_Ga2ft0QckpGNXN5WWJSZDg/view>. Acesso em 10 ago. 2016.
- LIMA, Luiz Costa. *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- _____. *Limites da voz: Montaigne, Schlegel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Resumo

Neste texto, abordo comparativamente o tema da monstruosidade no romance *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho, e na crônica “Macobeba”, de Graciliano Ramos. Tendo como referenciais teóricos as reflexões de Luiz Costa Lima em *Limites da voz* e *A metamorfose do silêncio*, investigo como os mitos da Quimera e de Macobeba aparecem ora como produção de diferença, ora como metáforas da resistência política. Problematizo as “aberrações” ficcionalizadas por Carvalho e Ramos como reconfigurações do mundo pela linguagem literária, de modo a evidenciar a porosidade do texto literário, que aproxima o clássico e o moderno, discutindo passado e presente por meio de um hibridismo que alia saber sabido e saber por saber.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho; Graciliano Ramos; Quimera; Macobeba.

Abstract

In this text, I analyze comparatively the theme of monstrosity in the novel *O filho da mãe*, by Bernardo Carvalho, and in the chronicle “Macobeba”, by Graciliano Ramos. Having as theoretical references Luiz Costa Lima’s reflections in *Limites da voz* and *A metamorphose do silêncio*, I investigate how the myths of Chimera and Macobeba appear sometimes as production of difference and sometimes as metaphors of the political resistance. I problematize the “aberrations” fictionalized by Carvalho and Ramos as reconfigurations of the world by literary language, in order to evidence the porosity of the literary text, that approximates the classic and the modern, discussing past and present by means of a hybridism that ally what is known and what will be known.

Keywords: Bernardo Carvalho; Graciliano Ramos; Chimera; Macobeba.